

Um estudo do Prof. Dr. Abel Salazar

Sobre a Construção Psicológica da Metafísica

(conclusão)

Este ponto é importante e merece que nos detenhamos nele. Porque há com efeito, entre a psicologia das relações, e a lógica actual, paralelos que nos parecem dignos de serem postos em foco. E o primeiro facto a assinalar é precisamente a correspondência existente entre a lógica das relações e a psicologia das relações. «Não é somente pela forma da sua exposição diz Carnap (1), que a lógica nova se distingue da antiga; antes de tudo, ela penetra um campo muito mais vasto. Tem particularmente estendido o seu campo de acção para a teoria dos enunciados de relações e a teoria das funções de proposição. Não diremos aqui senão algumas palavras da teoria das relações. Na antiga lógica, a única forma dos enunciados (juízos) era a forma predicativa: «Sócrates é um homem», «todos (ou alguns) gregos são homens». Liga-se assim a um conceito de sujeito um conceito de predicado, uma propriedade. Leibnitz já dizia que a lógica deve estudar também enunciados tomando a forma de relações.

Um enunciado deste género, por exemplo, « a é maior do que b » atribui um estado de relação a dois ou muitos objectos (pode dizer-se a muitos conceitos de sujeito). Foi preciso esperar a nova lógica para dar seqüência ao desejo de Leibnitz. A certeza lógica compreendia igualmente os enunciados de relação como enunciados da forma predicativa. Mas então muitas deduções entre enunciados de relação tornavam-se impossíveis, ainda que se impuzessem à prática científica. Por exemplo o enunciado

« a é maior do que b » pode ser interpretado como segue «ao sujeito a é atribuído o predicado [maior do que b]». Mas este predicado forma então um todo; nenhuma regra de dedução permite desarticular dêle b . Resulta disso que não se pode passar analiticamente da proposição indicada para a proposição: « b é menor que a ». O que se consegue da maneira seguinte na lógica nova. A relação «mais pequena» é definida «convexa» da relação «maior». A conclusão acima repousa então sobre o teorema geral: quando uma relação existe entre x e y , a sua convexa existe entre y e x . Um outro exemplo de enunciado que não se demonstrava na antiga lógica: «se há vencedor, há um vencido». Na nova, é consequência do teorema lógico: se uma relação tem um antecedente, tem igualmente um consequente» (1). E' sobretudo nas ciências matemáticas que os teoremas da relação são de incalculável necessidade. Eis por exemplo o conceito geométrico de três termos «entre» sob uma recta ilimitada. Os axiomas geométricos «se a se encontra entre b e c , a encontra-se entre c e b » e «se a se encontra entre b e c , b não está entre c e a » só podem ser formulados em nova lógica. Com a antiga, teríamos, para o primeiro axioma, os predicados [situado entre b e c] e [situado entre c e b]. Se os deixamos bloqueados, não se chega a manifestar como o segundo predicado deriva do primeiro por transformação. Mas se se liberta do predicado os objectos b e c , a proposição « a encontra-se entre b e c » não

(1) R. Carnap, «L'ancienne et La Nouvelle Logique».

(1) Concepção análoga à que expusemos em 1915 in «Ensaio de psicologia filosófica», Introdução.